



## UM VERDIANO DE TALENTO

Luiz Paulo Horta

**C**ARLOS Gomes tem um lugar muito especial entre os mestres da música brasileira: foi o primeiro a transpor, pela fama, as nossas fronteiras. Por isso — e também pelo gênero que cultivava — terá conquistado a condição de compositor nacional. Quem conhece música talvez preferisse ver esse título entregue a José Maurício ou a Villa-Lobos, por diversos motivos. Mas também não há razão para brigar com a voz do povo: tudo pesado, Carlos Gomes não é indigno do majestoso monumento que a Capital do seu Estado — São Paulo — lhe dedicou.

Sua linguagem musical é a de Verdi; seus libretos são escritos em italiano; mas estas eram, afinal, a linguagem e a forma que dominavam a sua época — a segunda metade do século XIX quando o Rio de Janeiro mal sabia o que fosse música sinfônica ou de câmara e enchia o Teatro Lírico para ovacionar as divas.

Dentro dessas limitações, Carlos Go-

mes não era desprovido de sentimento brasileiro — e antes de embarcar para a Itália já tinha composto uma famosa modinha: Quem Sabe? O Modernismo, iconoclasta por vocação, arremeteu contra ele, como contra todo o passado. Depois, Mário de Andrade reconheceu o erro, e fez um esforço talvez excessivo para demonstrar a brasilidade de Carlos Gomes. Mas essa brasilidade está mais nos libretos do que na música, como observou mestre Carpeaux, acrescentando: "Não se compreende, aliás, por que o compositor, homem do seu tempo e de fortes convicções nacionalistas, não teria tido o direito de exprimir essas convicções na melhor linguagem musical que conhecia: a de Verdi".

As defesas são desnecessárias: Carlos Gomes está firmemente incrustado no nosso repertório operístico, e faz juz a isso, pois seu talento melódico é imenso.

Qualquer dúvida a esse respeito, em torno do jovem músico de Campinas que estudava na Europa por proteção de D. Pedro II, foi dissipada exatamente com o Guarani, que estreou em Milão em 1870, quando seu autor tinha 34 anos.

Estudante no grande centro operístico, Carlos Gomes já compusera duas óperas com libreto em português, dentro do compromisso de trabalhar para o

desenvolvimento do canto lírico em nossa língua. Mas estudando em Milão, na época do apogeu do verdianismo, é natural que Carlos Gomes visse o seu gênio melódico encaminhar-se nesta direção.

Já tinha concluído seus estudos na Itália, já obtivera sucesso com uma revista musical — Se Sã Minga — quando, andando pelo Duomo de Milão, encontrou à venda, em italiano, o Guarani, de Alencar. Lido com entusiasmo, o livro acendeu-lhe a imaginação. Carlos Gomes procurou o poeta Antonio Scavini, seu colaborador, para que extraísse do romance um libreto. O próprio Scala de Milão depositava confiança no jovem compositor já conhecido, pois encomendou o Guarani para a tempo-

rada de 1869-70. Presente aos ensaios, Carlos Gomes esforçou-se para obter os cantores apropriados aos papéis — sendo o físico um dos requisitos. Tratou também de conseguir instrumentos típicos, que dessem colorido indígena aos bailados do terceiro ato. A estréia, a 19 de março de 1870, foi um acontecimento. O poeta Luís Guimarães Júnior, que era secretário de embaixada em Roma, foi a Milão e registrou: "Depois de cada ato, são quinze, dezesseis ou dezoito chamadas ao autor, e no fim da ópera, público, adversários e maestros estão vencidos, subjugados, e rendem a devida glória ao novo astro que surge".

Em fins de 1870 a ópera estreava no Rio, com a presença do Imperador. Caracterizam-se, então, os trechos de maior sucesso: o dueto Sento una Forza Indomita, a balada do soprano C'era una Volta un Principe, o Coro dos Caçadores, a Ave Maria.

O ouvinte desprevenido conhece Carlos Gomes pela Protofonia (abertura) desse mesmo Guarani, ou pela Alvorada do Schiavo. Esses trechos são representativos da estética do músico de Campinas: é a linguagem dramática e colorida da Itália de Verdi; mas há algo mais, que todo brasileiro é capaz de reconhecer, embora seja apenas o embrião de um sentimento nacional: Carlos Gomes tinha saudades do Brasil.

A versão que subirá ao palco domingo, 110 anos depois da estréia da ópera, tem encenação de Sérgio Brão, cenários e figurinos de Luís Carlos Ripper. Aurea Gomes, no papel de Ceci, acaba de revelar suas qualidades no Réquiem, de Verdi, depois de ter feito carreira no exterior. Benito Maresca, o tenor que faz Peri, é outro artista que construiu a sua reputação no exterior, apresentando-se por toda a Europa e cumprindo, atualmente, contrato de dois anos no Teatro de Mônaco. O barítono Paulo Fortes e o baixo Amin Feres são figuras de destaque em nossas temporadas operísticas. Atuarão ainda o balé do Municipal, em coreografia de Dennis Gray, o Coro e a Orquestra do Teatro, sob a regência de Mário Tavares.